



VISTA DE MACÁU.

## MACÁU. — COMMERCIO DO ANFIÃO.

DEMOS a pag. 38 do 1.<sup>o</sup> volume noticia da origem e estado do nosso estabelecimento de Macáu, fundado e consentido por beneplacito dos imperadores chins: ampliaremos e rectificaremos as informações que alli exarámos, agora que temos á vista dois modernos escriptos portuguezes sobre o assumpto, isto é a Memoria ácerca de Macáu por José d'Aquino Guimarães e Freitas, e o appendice ás Memórias sobre os estabelecimentos portuguezes a leste do Cabo de Boa-Esperança, escriptas pelo nosso digno socio, o Sr. Conselheiro, Manuel José Gomes Loureiro: destas obras extrahiremos o mais importante.

TOM. IV, JUNHO 13 — 1840.

O pequeno territorio que occupámos em Macáu tem uma legua escaça de comprimento, e meia legua ainda mais escaça na maior largura: uma muralha de pedra ensôssa, collocada n'uma lingua de terra distante das portas da cidade, marca os limites do terreno chamado portuguez, que com todo o ciuime e vigilancia são guardados pelos chins, e que não é dado a europeus ultrapassar, salvo em auxilio para apagar fogos, conduzindo agua e instrumentos adequados. Tanto da parte do norte como da do sul é murada a cidade; daquella tem sahida para o campo por duas portas, entre as quaes se eleva o forte de S. Paulo do Monte; pela outra a limitam dois fortes entre os quaes a cavalleiro se vê a ermida de



N. S.<sup>a</sup> da Penha, que já foi fortificação. Outros tres fortes defendem a bahia e entrada do porto: n'uma alcantilada montanha, fóra das mencionadas portas, apparece o forte de N. S.<sup>a</sup> da Guia dominando o mar e todo o espaço adjacente. Um extenso caes, chamado *praia-grande*, da parte de leste, em frente da bahia, offerece uma morada aprazível, pois alem da vantagem da posição é ventilado pelas aragens refrigerantes no verão, e resguardado das furias das nortadas no inverno. A parte occidental gosa a vista do porto, e da ilha por sua constante primavera appellada *ilha-verde*. O porto é formado pelo rio Tigre, que desce de Cantão: não tem capacidade para admittir navios de grande porte, e é exposto aos ventos do S., SO., N. e NE. A maré sobe seis e quando muito sete pés, sendo este o termo mais elevado durante os equinoccios. Pelo que respeita á população veja-se o que fica dito a pag. 40 do 1.<sup>o</sup> vol. São tres as freguezias, sé, a mais populosa, S. Lourenço e St.<sup>o</sup> Antonio. Foi erecta a cidade em bispado, a instancias d'elrei D. Sebastião, pelo papa Gregorio 13.<sup>o</sup> por bulla passada em 10 de Fevereiro de 1575.

Para dentro da foz do Tigre, rio acima, fica a cidade geralmente denominada de Cantão, da qual achará o leitor sufficiente noticia, acompanhada de uma estampa, a pag. 234 do 1.<sup>o</sup> vol.; é neste porto onde unicamente são admittidos os europeus; sendo mesmo inhibidos de se demorarem ahi os estrangeiros depois da partida dos navios que vieram a negociar, vendo-se compellidos a retirarem-se para Macáu até nova monção. No principio fazia-se indistinctamente o trafico com todos os chins; mas tendo fugido e fallido muitos particulares com os dinheiros que recebiam, recorreram os europeus aos mandarins, que por ultimo resolveram estabelecer uma associação de 13 negociantes chamados *anistas*, a quem outorgaram o privilegio exclusivo de negociar com os estrangeiros debaixo de determinadas condições; e este systema se fundou em 1759. Os principaes feitores das nações foram obrigados a tomar por fiador um *anista*; este a acudir ás precisões dos navios; e assim outras clausulas, mais ou menos vexatorias; em summa a politica chim é vedar o mais completamente que lhe for possivel o seu territorio ao exame e invasão dos estrangeiros; tanto assim que em caso de naufragio de navio na costa do imperio, extrema e severa é a vigilancia e policia para que se não introduzam no continente mercancias ou pessoas estranhas. Se as embarcações que dão á costa se não podem reparar de fórma que transportem depois as equipagens, os individuos salvos que as compoem são levados com segura escolta a Cantão e Macáu a fim de obterem passagem a bordo de navios da sua respectiva nação ou de outras.

Já se vê que todos os tropeços que o commercio acha em Cantão deveram ser vantajosos para a praça de Macáu; alem de que as fazendas importadas para o nosso estabelecimento pagam os direitos de entrada, e reexportadas para Cantão são admittidas sem pagamentos de direitos, e *viceversa*; as exportadas em Cantão os não pagam em Macáu: e é o principal privilegio e regalia desta nossa cidade este favor reciproco, assim como o goso daquelles palmos de terreno que occupámos; vantagem de que nenhuma outra nação se tem podido vangloriar, apesar dos repetidos esforços da poderosa Inglaterra para a conseguir. Uma das mais notaveis tentativas britannicas foi a da divisão sob o commando do contra-almirante Drury em 1808, que apesar de pretextos e negociações nada pôde conseguir, tendo de retirar-se das aguas de Macáu. Posteriormente o governo

chim admittiu a entrada annual de um navio porcedente de Manilha, possessão hespanhola; o que foi auctorizado pelo governo portuguez.

As mercadorias negociadas de Cantão para Macáu, de conta e em embarcações portuguezas, pagam metade dos direitos que devem os navios de qualquer nação, que vão em direitura a Cantão; e quando os navios portuguezes tambem ahi vão em direitura, pagam da mesma sorte direitos dobrados, porque a concessão do imperador não se entende senão a favor dos moradores de Macáu, e ainda esta é restricta ao numero de 25 navios, os quaes navegam com dois passaportes, um chim e outro portuguez, e se appellidam ainda hoje com os nomes dos cascos e proprietarios que tiveram os primeiros navios no tempo da cessão do territorio para o nosso estabelecimento; tal é o asferro a praticas velhas que tem o governo chim, e o seu systema restrictivo para com os estrangeiros. Contaremos a este respeito o que se passou, sendo ouvidor em Macáu o conselheiro Arriaga. O navio austriaco, Carolina, veio de Trieste, já depois de 1820, não sabemos ao certo o anno, para renovar antigas relações commerciaes entre Sua Magestade Apostolica e o imperio chim, e sómente porque á sua chegada annunciou o commandante ser da Austria, e não fallou em Alemanha, como antigamente, em que esta nação era conhecida na China pela insignia da aguia de duas cabeças, incorreu em difficuldades de não ser admittido, que duraram mais de mez, não obstante o perigoso ao ancoradouro naquella epocha; e foi preciso que o ouvidor de Macáu mandasse dizer ao suntu ou vice-rei de Cantão que tanto valia austriaco como alemão.

É de saber que como os moradores de Macáu não tem os 25 navios, entram no numero os de fóra, e sempre de maneira que no porto nunca estejam mais de 25; o que não acontece, e se illude com os que faltam e andam em viagem, porque nesta illusão são interessados mercadores chins por o serem nos ditos navios.

Fóra ha o ancoradouro da franquia denominado da *Taipa*, donde não podem passar para dentro do porto os navios d'outras nações que são admittidos á pratica e a negociarem, por lhes ser prohibido pelas leis do imperio e condições da cessão do estabelecimento: os navios portuguezes podem entrar, porem não sendo do numero permittido aos moradores de Macáu, pagam pela primeira entrada ao governo chim os direitos de medição que são muito pesados.

Em Cantão, unico porto do imperio onde se admittem a commerciar navios estrangeiros, é tal a restricção que o trafico é feito a bordo ou em feitorias em terra á beira do rio donde nenhum estrangeiro passa um palmo para dentro da cidade, quer seja europeu quer asiatico. Ainda não ha muitos annos que um sobre-carga inglez, que tinha duas casas de feitoria, fronteiras e separadas por uma rua, persistiu em fazer um passadiço d'uma á outra apesar das intimações do mandarim; porem logo depois lhe foi demolido. Os inglezes e outras nações tem sobre-cargas effectivos na China para promoverem o negocio de uma até outra monção, mas não sendo consentidos em Cantão depois que sahe o ultimo navio, viram-se ao principio obrigados a ir para Madrastra, Calcutá, ou Bombaim a esperar a sahida do primeiro navio da seguinte monção: ha muito tempo porem que obtiveram fazer essa residencia temporaria em Macáu, apesar da opposição que lhes fez a governança desta cidade: é vedado comtudo a estes sobre-cargas o casar com portuguezas filhas de Macáu, o fazer o negocio proprio do porto, ter navios,



e gozar dos privilegios do municipio; ainda que ás vezes lhes tem sido concedidas licenças para casar pelos governadores ou pela côrte.

A nossa soberania em Macáu não é plena, mas dependente em certo modo do imperio chin; por exemplo, a cidade paga annualmente á fazenda imperial um feudo ou contribuição de certo numero de patacas: a fórma externa dos edificios e das ruas não se altera sem intervenção e vistoria do mandarim da Casa-branca, que é o do districto. Necessario nos é pois viver em boa harmonia com o governo chin, e compor as cousas por meios de prudencia e com donativos: porque na frase d'um escriptor «se hoje troasse a artilheria ámanhã sentiria Macáu os horrores da fome.»

Voltando agora a nossa consideração ao commercio, consiste este grandemente no contrabando do anfião, ou opio. Esta droga é um extracto das cabeças das papoulas indianas, especie de dormideiras; é uma preparação muito do gosto dos chins, que a fumam com excesso, apesar de ser funesta á vida. Exporta-se dos portos de Bengala e Calcutá, e tambem da costa do Malabar, Goa, Bombaim e Damão. É severissimamente prohibida na China; mas o habito ou vicio e o interesse vencem e illudem toda a vigilancia e rigor das leis. No meado do seculo passado ainda a importação desta droga naquelle imperio raras vezes excedia a 200 caixas por anno, mas creceu por tal fórma o consumo que, segundo a *Memoria* de Freitas, avalia-se [ha doze annos] em 6:000 caixas, sendo mais dos dois terços exportados dos portos dos dominios inglezes na Asia, onde principalmente se cultiva e manipula o anfião. O preço foi tambem augmentando, pois de duzentas patacas hespanholas a caixa chegou e ás vezes excedeu a 2:000 ditas. Em 1822 a companhia ingleza das Indias orientaes ganhou doze milhões de rupias com setecentas mil, que tanto lhe custou proximamente o amanho e preparação do genero! Bem se vê que tão excessiva ganancia é mui poderoso incentivo para continuar a todo o custo este commercio, que tem subido prodigiosamente, e que apesar de ser um veneno que lentamente assassina os chins, por outra parte dá rios de dinheiro. Como este objecto é interessante, maiormente pelas ultimas occorrencias hostis que se tem suscitado entre a Graã-Bretanha e o imperio celestial (\*), nos estenderemos ácerca delle mais alguma cousa, seguindo as informações exactas do Sr. Conselheiro, Gomes Loureiro.

Os inglezes tem tentado por todos os meios obter na China algum estabelecimento territorial, ainda que fosse d'um modo precario e dependente, e como o nosso de Macáu, para lhes facilitar a introdução do anfião, que nos territorios centraes dos seus dominios na India se cultiva e prepara da maneira que o usam os chins. Em quanto os portuguezes deram leis ao commercio asiatico, e o do anfião era limitado, foi este privativo dos moradores de Macáu, os quaes difficilmente admittiam a concorrência dos outros portuguezes, quer da Europa, quer de outras colonias, e que tinham de alcançar para isso ordem expressa do governador geral da India. Cresceu porem o gosto e o consumo daquella droga na China, e os negociantes inglezes, indianos, mouros e gentios tomaram parte neste commercio; nem os portuguezes o podiam impedir, porque a principal colheita do genero era, como dissemos, nas terras sujeitas aos inglezes, e estes conseguiram fazer monopolio delle em Bengala, aonde o vendiam em leilões; e começaram de tomar parte e interesse neste

(\*) Assim denominam os próprios chins o seu estado e governo.

tráfico em nome dos moradores de Macáu, que por falta de fundos sufficientes dependiam delles, favorecendo até alguns a pertença. Foi porem condição que os inglezes transportassem o anfião de sua conta em navios de Macáu, e consignassem a venda a moradores da cidade: desta fórma obtinha o nosso estabelecimento fretes, direitos d'alfandega, e comissões, em que lucravam os donos dos navios, a fazenda da cidade, e os vendedores. A condição da consignação foi a primeira a que faltaram; os carregadores acompanhavam a sua fazenda, ou a consignavam aos sobrecargas residentes em Macáu; cuja residencia principiou por favor ou tolerancia e se ampliou aos das mais nações. O conselheiro Arriaga, que servia d'ouvidor e de juiz da alfandega, por sua correspondencia com o governador geral da India e com a secretaria da marinha e ultramar, concorreu para a admissão franca do anfião em navios d'estrangeros e de conta destes, que pagavam maiores ou dobrados direitos que os de portuguezes de Macáu ou de outra parte. Porem como aquelles navios não passam do ancoradouro da Taipa para dentro, vem a ser arriscado o desembarque em pequenas embarcações para escapar á vigia dos officiaes do mandarim, que fazem tomadias, no mar e na cidade, de quanto anfião encontram, seja de portuguezes ou de estrangeiros, não sendo prevenidos e comprados para o deixarem passar; e para melhor se conseguir que disfarçassem o contrabando, tentou o conselheiro Arriaga o estabelecimento d'uma sociedade ou reunião de negociantes para tratarem da venda do anfião aos traficantes chins; porem não pôde consolida-lo porque se estribava na consignação por venda de todo o anfião que fosse a Macáu, e n'uma comissão ou corretagem pela agencia, parte da qual devia ser gasta com os mandarins e officiaes seus subalternos; cahiu tambem esta instituição por não ser approvada nem pelo governo, nem por todos os interessados, importadores d'anfião.

As ordens da côrte que permitem a entrada do anfião em Macáu, levado por embarcações estrangeiras, não são absolutas para admittir a despacho quanto daquelle genero se appresente: a sua execução depende d'occorrencias, da falta ou abundancia do que existe no mercado, de conta e á consignação dos moradores, do pagamento de direitos dobrados ou maiores, e do estado ou haver da caixa ou cofre do senado de Macáu, pelo qual são pagas todas as despesas ecclesiasticas, civis e militares. E alem disto se attende a que o governo chin não possa com fundamento arguir a governança da cidade de dar couto aos inglezes ou a outros quaesquer estrangeiros para fazerem o contrabando do anfião.

Nestes termos os inglezes deixaram o mercado de Macáu e o foram estabelecer na costa em Lantim, aonde permaneciam fundeados servindo alguns navios d'armazem a outros, cujos agentes ou sobrecargas vendiam, ou consignavam para vender, o anfião, e seguiam para Cantão a negociar as fazendas que não eram de contrabando. Esta mudança de mercado causou muitos e serios cuidados á governança e moradores de Macáu; áquella, porque atenuava os rendimentos da alfandega, a estes porque diminuia a concorrência dos compradores em Macáu, e porque aos que viessem tinham de offerecer o anfião onerado com a importancia dos direitos, de que se tinham libertado os vendedores que foram para Lantim; e chegaram as difficuldades a ponto de que se viram os moradores obrigados a levar para Lantim o anfião, que tinham em Macáu, para o venderem.

Os inglezes não puderam continuar o estabeleci-



mento marítimo na costa de Lantim, e o tentaram e fundaram n'outra parte mais remota e escondida á vigilancia dos mandarins de Cantão, com a facilidade e vantagem não só de venderem o anfião, mas de receberem em troca e pagamento os generos da China sem o peso dos direitos de sahida, fazendo desta fórma um duplicado e muito importante contrabando. Uma tal diversão produziu effeitos e muito sensiveis no mercado e no rendimento da alfandega de Cantão; e o governo chin veio a conhecer a causa, e expedindo as ordens que julgou convenientes, mandou a Cantão o commissario Lyn para se certificar do contrabando, castigar os mandarins consentidores, e providenciar para o futuro. O commissario do imperio, Lyn, depois de informado e certo da existencia dos navios na paragem do contrabando e do numero das caixas d'anfião que tinham, a tempo que estavam cento e tantos subditos britannicos, ao que dizem, na feitoria de Cantão, fez com que viessem para esta cidade aquelles navios com as carregações que tinham; e com effeito vieram, entregaram o anfião, que foi publicamente queimado na praça de Cantão, e foram julgados e justicados alguns chins implicados naquelle trafico. Os chefes inglezes podiam, é verdade, illudir a ordem do mandarim communicando-a aos capitães dos navios, e indicando-lhes que se fizessem de vela e sahisses dos mares da China; porem conheciam que os inglezes detidos na feitoria seriam justicados, e que a contenda podia talvez conciliar-se sem correr este risco: por isso para persuadirem a todos os capitães a que se viessem entregar lhes deram recibos e titulos de indemnisação pela importancia das caixas d'anfião que tinham e que vinham perder.

O interesse e o credito dos inglezes não admittia que abandonassem a questão, tendo simplesmente logar a abertura e continuacão do commercio licito: tentaram que a governança portugueza de Macáu tomasse parte com elles d'algum modo, tolerando que dalli dirigissem as operações, e obtivessem mantimentos; porem a governança recusou-se para não arriscar a propria segurança e os interesses do estabelecimento; e fez o que devia e lhe convinha.

No entanto, tendo os inglezes declarado guerra á China, é critica a situação de Macáu, porque pôde o governo da cidade ser constrangido a deixar effectuar um desembarque, que não pôde impedir com força: porem ainda mesmo, o que não é de esperar, que tomem posse de Macáu tropas inglezas, e que possam ahí sustentar-se, estando em hostilidade aberta com a China, o que é duvidoso, nunca serão senhores do commercio do continente, e muito menos do defendido do anfião, em quanto se não restabelecerem relações amigaveis entre as duas potencias. Não se pôde aventurar a profecia de qual será o resultado da guerra, favoravel ou desfavoravel á Graã-Bretanha. As forças militares, maritimas e terrestres do imperio chin ainda que numerosas não são aguerridas, e estão espalhadas por uma extensão immensa de territorio; mas os pontos donde partem as expedições inglezas são muito distantes, e dependentes de monção, e os chins tem a força indirecta, isto é os meios d'impedir estabelecimentos estrangeiros no seu territorio, e tem toda a severidade e pertinacia para os pôr em pratica: por quanto se admittem de ha muito tempo o tracto mercantil com estrangeiros em Cantão é sempre com as restricções d'uso antigo e invariaveis, sendo a principal a vexatoria dependencia ou intervenção dos *anistas*, ou corretores chins, por via dos quaes se faz o commercio, e que são responsaveis ás suas auctoridades por factos d'estrangeiros

no porto, como acima dissemos. Finalmente parece-nos que o conteudo neste artigo será bastante para que os nossos leitores possam entender e seguir a historia desta questão; e foi esse o unico intento com que o escrevemos.

Remataremos porem com uma particularidade, ainda que alheia do anterior objecto, que será de muitas pessoas desconhecida.

O P.<sup>o</sup> Joaquim Affonso Gonçalves, da congregação da missão em Macáu, imprimiu nesta mesma cidade as seguintes notaveis obras, de que enviou exemplares á Academia das Sciencias de Lisboa. — *Diccionario portuguez-chim*, em 1831 — um vol. de 372 pag. em 4.<sup>o</sup> — *Diccionario chim-portuguez* em 1833, mesmo formato, 1056 paginas. — *Arte da lingua chim*, constando do alphabeto e grammatica, e comprehendendo modelos de diferentes composições, em 1829, 550 pag. tambem de 4.<sup>o</sup> — « Nestas tres obras [diz o A.] me lisongei de appresentar ao publico quatro ideas originaes, a saber: 1.<sup>a</sup> reduzir as letras chins aos seus elementos: 2.<sup>a</sup> eliminar os generos inuteis: 3.<sup>a</sup> ordenar as letras de igual numero de rasgos alphabeticamente: 4.<sup>a</sup> dar regras para á vista da letra conhecer qual é o seu genero e ordenar por ellas o diccionario. » São portanto estes escriptos, uteis á philologia em geral, muito curiosos para nós, por serem impressos n'uma possessão nossa tão remota, e compostos por um portuguez. Quem tiver alguma noção das difficuldades da lingua chim poderá fazer idea da importancia deste trabalho litterario.

#### MARINHA PORTUGUEZA NOS REINADOS DE D. SEBASTIÃO E D. HENRIQUE.

NA menoridade e curto reinado d'elrei D. Sebastião deram-se algumas providencias mais para o engrandecimento da marinha portugueza. Em 1567 mandou-se por uma provisão real, que houvesse na casa da India um livro em que fossem registados todos os navios da coroa e os do commercio existentes no reino, prohibindo vende-los aos estrangeiros, e concedendo certos premios aos que em Portugal e seus dominios mandassem construir navios de 130 toneladas para cima. Ordenou-se tambem que os navios mercantes de 200 ou mais toneladas montassem 14 peças d'artilharia, e 11 os de 150 até 200 toneladas; e que as suas tripulações fossem outrosim compostas na rasão d'um homem por cada duas toneladas.

No Brazil augmentaram muito as nossas forças navaes, não só por causa da extensão que tomou a colonisação e o commercio que então faziamos para esta parte do mundo, mas por termos de combater e expulsar os francezes que em algumas partes formaram estabelecimentos. Com os soccorros que a rainha regente D. Catharina mandou de Lisboa ao governador geral do Brazil, Mendo de Sá, pôde elle sahir da bahia de Todos os Santos com uma esquadra de tres galeões e oito navios com dois mil homens, e entrou no Rio de Janeiro, donde a final conseguiu expulsar os francezes, continuando a receber do reino mais soccorros que a rainha não se descuidava d'enviar.

Não menos augmento teve a marinha portugueza nas possessões da Africa, chamadas Algarve d'alem mar, para onde foram expedidos varios armamentos. Constava de 800 vellas a armada com que o temerario D. Sebastião foi em 1578 sepultar naquelles areas d'Alcacer-Quivir a marinha e o throno portuguez.



No reinado deste malfadado monarcha sahiram do porto de Lisboa para o Oriente 97 naus e duas caravellas, das quaes se perderam á ida tres naus, sendo uma ancorada na barra de Gôa; e nove na tor-naviagem, sendo duas em Moçambique. Só quatro se perderam com toda a guarnição; das outras salvou-se parte da tripulação. Duas voltaram arribadas a Lisboa.

Conservámos ainda na India o imperio dos mares, de modo que nenhuma embarcação ousava navegar para qualquer porto senão munida d'um cartaz ou salvo-conducto dos governadores, capitães das fortalezas ou capitães môres das nossas armadas que chegavam até a China e ao Japão. Em Setembro de 1578 tinha o governador Francisco Barreto ajuntado e aprestado a mais poderosa armada que na India se tinha visto; pois se compunha de 25 galeões e caravellas, 10 galés e mais de 70 fustas e galeotas, afóra grande numero d'embarcações ligeiras, com que determinava ir dar no Achem, o que não teve effeito por chegar do reino á barra de Gôa o vice-rei D. Constantino de Bragança; o qual se aproveitou della para ir a Damão nas oitavas do Natal desse anno, levando mais de 100 vellas com perto de tres mil homens d'armas. Em 1560 sahiu do porto de Gôa o mesmo vice-rei com 12 galés, 10 galeotas e 70 navios de remo entre catures, com destino a Jafanapatão.

Em todos os mares daquellas vastas regiões appareciam armadas portuguezas para proteger o commercio, e fazer respeitar o nosso pendão pelos diversos principes do paiz. No anno de 1567 mandou o vice-rei D. Antão de Noronha uma armada para o estreito de Meca, composta de 4 galeões, uma galé e 4 fustas, de que foi por capitão-mór D. Jorge de Menezes Baroche; para a costa de Malabar D. Francisco Mascarenhas Palha com 13 navios, e João Peixoto com 12: mandou outra para o Norte com vinte e tantas embarcações, de que era capitão-mór Jorge Moura; e elle sahiu de Gôa para Mangalá a 3 de Dezembro com uma forte armada de 21 galeões, 6 galés, 28 fustas e galeotas, com muitas outras embarcações ligeiras de Cochim, Cananor e varias partes, as quaes reuniu em Angediva, sem comtudo deixar Gôa desguarnecida de forças maritimas.

Nove naus e duas caravelas foram as unicas embarcações que se destinaram ao Oriente em 1579 e 1580 durante o curto reinado do cardeal D. Henrique, e no interregno que succedeu á sua morte. Uma das náus voltou arribada, as demais chegaram ao seu destino com a infausta noticia da orfandade do reino.

#### O REINO DE BOHEMIA E A SUA INDUSTRIA.

QUASI NO centro da Europa ha um valle immenso, formado pelas elevadas serras de Sudeten, Erzgebirge e Böhmerwald, e pelas montanhas da Moravia, que o separam da Silesia prussiana, dos reinos de Saxonia e Baviera, e da Austria e Moravia. Esta vasta bacia ou caldeira terrestre, a mais regular e importante da Europa, é o reino de Bohemia, incorporado ha mais de dois seculos nos dominios da casa d'Austria. A sua superficie de 15:240 milhas quadradas, de 60 ao gráu, iguala a superficie dos reinos de Saxonia e Hanover, (1) ambos juntos. Dos cumes das montanhas, que o fecham em redondo, descem com mais ou menos precipitada corrente muitos rios, torrentes e ribeiros, que vão desaguar no Moldaw, ou no Elba. Este ultimo, um dos grandes rios da Eu-

ropa, nasce nas faldas dos montes Sudeten, e depois de ter corrido em limpidos meandros, por uma parte da provincia d'aquelle nome, atravessa a Saxonia, engrossado com as aguas do Moldaw e vai desemboçar no mar d'Alemanha, abaixo d'Hamburgo (2).

Praga, antiga e magestosa capital da Bohemia, quasi no centro do reino, está situada nas duas margens do Moldaw. Extrahiremos uma breve noticia desta cidade da relação da embaixada do conde de Villar-mayor pelo P.<sup>o</sup> Francisco da Fonseca. — « É uma das mais bellas cidades de toda a Europa, e de todas as que vimos a que no sitio e fórma dos edificios mais se assemelha a Lisboa; (3) só differe na grandeza, porque não conta mais que 15:000 visinhos: parte fica situada em montes, parte em amenos e deliciosos valles; o rio Moldava a dividiu em duas partes, a industria em tres... Não consta ao certo o anno, em que foi fundada, achaque ou gloria de todas as cidades grandes, ignora-se a sua infancia e não se sabe a sua meninice; mas consta que é antiquissima e que por muitos annos foi côrte dos duques e reis da Bohemia, e só perdeu esta regalia, quando em 1625 morto elrei Luiz na batalha contra Solimão, imperador dos turcos, passou a corôa de Bohemia e Hungria, por falta de successão, a sua irmã Anna, mulher do imperador Fernando 1.<sup>o</sup>, ficando encorporada, como está hoje, na augustissima casa d'Austria. É toda fortificada á moderna com a regularidade que permite o terreno, os edificios principaes são muitos, antes não se encontra edificio que não pareça palacio, mas entre todos [não fallando nos 50 conventos, que com a belleza das suas fabricas, altas torres, e magestosos zimbórios, servem á cidade de um grande lustre e ornamento] os que mais avultam e são mais dignos da curiosidade dos estrangeiros, são: 1.<sup>o</sup> o palacio real que fica sobre um monte muito bem fortificado á antiga, e eminente a toda a cidade com uma dilatada vista, não só de toda ella mas do rio e campos visinhos; é fabrica de mais vastidão que symmetria, e alli estão quatro candieiros de bronze, que no feitio e grandeza passam por uma das maravilhas do mundo. A sé e paço do arcebispo lhe ficam contiguos coroadando o monte e fazendo a perspectiva de uma mediocre cidade. Junto do palacio fica o jardim real, que no numero das plantas, no exquisito das flores, na disposição das ruas, nos labyrinthos das murtas e na copia dos alegretes, parece o palacio de Flora e a côrte da primavera. — » 2.<sup>o</sup> A sé foi dedicada a S. Vito em 923 por S. Venceslau, duque de Bohemia; destruiu-se por duas vezes, mas Fernando 1.<sup>o</sup> a reedificou: tem formosas capellas com soberbos tumulos, porem a mais rica é aquella onde descansa o corpo de S. Venceslau, fundada por Carlos 4.<sup>o</sup>, cujas paredes estão embutidas de muitas pedras de lapis-lazuli, saphiras, esmeraldas, rubis e granadas, das que se criam nos montes da Bohemia d'excessiva grandeza; e se lhes tivessem dado fórma que compozessem um mosaico seria uma suspensão. — » 3.<sup>o</sup> A casa da Camara, ou *Hotel de Ville* é magnifico palacio com elevada torre, cujo relógio pelo complicado de sua fabrica foi o mais celebre de toda a Alemanha. — » 4.<sup>o</sup> A famosa ponte do Moldava, que com 24 arcos une entre si as duas partes da cidade; tem de comprido 3392 palmos e de largo quanto

(2) Vid. a vista e a noticia d'Hamburgo a pag. 226 do 1.<sup>o</sup> vol.

(3) O livro do P.<sup>o</sup> Fonseca foi impresso em 1717, e a jornada que refere feita em 1706 e 1707; d'então para cá se remoçou Lisboa como sabemos, mas tambem Praga se melhorou e augmentou, e por tal fórma cresceu nestes ultimos annos, que em 1820 contava seus noventa mil habitantes, e hoje a sua população ascende a 120:000 almas.

(1) Vid. a vista da cidade d'Hanover e a noticia sobre este reino a pag. 145 do 3.<sup>o</sup> vol. deste Jorn.



basta para poderem rodar commodamente quatro coches emparelhados: foi feita por Carlos 4.<sup>o</sup>, e tem nas entradas duas torres que lhe servem para a defesa e para o ornato; as guardas estão todas ornadas com estatuas de pedra de diversos sanetos, primorosamente lavradas: é a primeira a do nosso glorioso portuguez Sancto Antonio." — No observatorio de Praga fez Kepler os seus principaes descubrimentos astronomicos.

A importancia politica do reino da Bohemia no seculo decimo sexto; o esplendor da côrte de seus soberanos, que eclipsava a dos imperadores; a celebridade de suas escholas, tal que a universidade de Praga, a mais antiga d'Alemanha, chegou a contar doze mil estudantes; tudo concorreu para a nomeada deste estado, e para dar logar distincto á sua litteratura: a lingua bohemica esteve a ponto de ser a lingua litteraria de todos os povos slavos, que professavam o culto catholico. Porem a guerra dos trinta annos, de que foi theatro a Bohemia, e as calamidades que se lhe seguiram arruinaram esta prosperidade e sepultaram a nação na miseria. A Bohemia só começou a levantar cabeça novamente no reinado de Maria Theresa. José 2.<sup>o</sup> fundou depois no paiz grande numero d'escholas elementares, de gymnasios, e de estabelecimentos de publica utilidade. Francisco 1.<sup>o</sup>, pai do actual imperador, continuou a derramar a instrucção por todos os modos possiveis; estabeleceu-se a academia de desenho em 1800; a eschola polythecnica foi creada em 1806 e reorganizada em 1832; appareceu a sociedade pomologica ou para a cultura das arvores fructiferas, e outra para melhorar a criação do gado lanigero; a sociedade do museu nacional foi obra dos condes Gaspar de Stenberg e Kollowrat, e para a industria a sociedade promotora fundou-se em 1823; e todos estes estabelecimentos contribuíram poderosamente para activar o movimento industrial do paiz.

É na verdade maravilhoso o augmento que tem tido a industria na Bohemia nestes ultimos annos. Segundo as informações estatisticas de M. Kreuzberg, existem neste reino 23 typographias, nove em Praga, e quatorze em outras cidades; muitas das que possui a capital tem de 8 até 12 prelos: a imprensa de Gottlieb Haase e filho trabalhava no anno passado com quatro prelos mechanicos, doze prelos de Stanhope, e quatorze ditos dos ordinarios: possui 186 caracteres differentes de letra e muitos ornatos typographicos; imprime annualmente 5 jornaes, 8 almanachs, e grande numero d'obras: basta dizer que em 1835 consumiu 39:060 resmas de papel e occupou mais de 200 operarios. A lithographia tambem não está atrazada; ha hoje na Bohemia 10 officinas destas com 40 prensas. Alem destes ha 20 estabelecimentos da arte da gravura, sendo 7 na capital, porem o mais importante delles é o de M. Maulini em Snichow, occupa constantemente cem pessoas, entrando muitos rapazes empregados em colorir estampas, trabalha de continuo com 7 prensas. Calcula-se que dessas officinas sahem um anno por outro, dois milhões d'estampas para as possessões austriacas e outros pontos d'Alemanha, tambem para a Italia e Hespanha, e até para a America meridional.

A Bohemia tem oito manufacturas de porcelana que empregam perto de 600 pessoas, o seu producto annual calcula-se em 400:000 florins. As fabricas de vidros e christaes que tem fama em toda a parte empregam milheiros de trabalhadores, e fornecem para exportação vinte e cinco mil quintaes d'obras diversas. A do conde de Harrach nos montes Sudenten, é das maiores. O producto da totalidade destas manufacturas dá por anno o valor de nove milhões

de florins (4), isto é mais do terço do producto da mesma manufactura em Inglaterra, e quasi metade do valor d'igual fabrico em França. A manipulação do assucar indigena dá que fazer já a 1:200 individuos. Cento e vinte e seis fabricas de papel occupam 2:200 pessoas e realisam 1:600:000 florins; a estabelecida em Hohenelbe faz por anno treze mil resmas. Quatorze fabricas de chapéus de palha mantem 400 operarios. Empregam-se 280:000 pessoas em fabricar pannos de linho, que valem annualmente quasi dez milhões de florins: nas manufacturas de fazendas de algodão trabalha um numero de gente igual a metade daquelle. Ha 117 estabelecimentos de fazer chitas, 15 na capital, e só esta deita por anno mais de oitocentas mil peças desta fazenda. O valor das chitas da Bohemia avalia-se em dezeseis milhões de florins: fallamos sempre — *por anno* — nestes computos. De cortumes e outras preparações de pelles e couros ha 3:213 fabricas com 16:000 pessoas. Em Praga floresce a arte de sombreireiro; aqui ha 14 fabricas deste mister, no reino todo 54. A manufactura dos pannos de laã avalia-se em doze milhões de florins, empregando cem mil pessoas: a quantidade de pannos de laã que fabrica a Bohemia corresponde a um setimo dos que se manufacturam em Inglaterra, a um terço dos de França, a dois nonos dos da Prussia.

É admiravel o movimento industrial que se observa em Reichenberg e duas villas proximas; não só é este o centro das manufacturas de laã, algodão e linho, mas é celebre pelas bellas casimiras que exporta, e pela vasta officina, ou para melhor dizer arsenal, onde se construem machinas e ferramentas de toda a qualidade. Em Ober-Leitendorf faz-se grande porção de *meia de laã*: e no districto de Leitmeritz fabricam-se os brincos para creanças, que tem fama e consumo em toda a Europa: na primeira destas terras ha uma manufactura que occupa 480 pessoas e produz 1:200 objectos diversos. As rendas e *blondes* d'alguns districtos tem justo preço em toda a parte. Tambem ha fabricas de louça de grés, como a das botijas de genebra d'Hollanda. A Bohemia é abundante em banhos e aguas mineraes, que attrahem mui grande concorrência de estrangeiros, e constituem a principal riqueza d'algumas de suas cidades. Nas suas montanhas ha grande copia de metaes e mineraes, que ha muito se exploram com vantagem: o producto das minas de prata de Przirbam subiu em 1834 a perto de vinte e quatro mil marcos. A parte occidental do reino tem muitas minas de carvão de pedra que, tendo sido despresadas por muito tempo, produziram todavia, em 1835, mais de dois milhões e meio de quintaes de combustivel.

A população da Bohemia anda por quatro milhões d'habitantes, e divide-se em duas grandes familias, a tudesca e a ceka; a primeira occupa quasi privativamente sete circulos ou districtos, e a outra, muito mais diminuta, só quatro: — os circulos restantes são povoados por uma raça mixta destas duas nações. Abundam os judeus na Bohemia, na capital é delles a decima parte da população, e em todo o reino computava-se o seu numero em 1835 em 67:614 pessoas; segundo o recenseamento do mesmo anno havia 3:807:304 catholicos, 49:496 calvinistas e 12:170 lutheranos. Desde 1762 até 1835 a população quadruplicou, graças aos impulsos que recebeu a industria.

É este um daquelles paizes europeus que apresentam uma grande quantidade d'escholas elementares, e tambem um numero consideravel d'alumnos

(4) O florim alemão póde avaliar-se, pouco mais ou menos, n'um cruzado portuguez.



a frequenta-las. Os algarismos dão idea dos esforços feitos na Bohemia a pró da civilisação. O ensino superior occupa 269 professores, homens de merecimento, e é frequentado por mais de nove mil estudantes. O ensino popular ou inferior divide-se em duas secções, isto é, escolas elementares maiores e menores: ha das primeiras 44 e das outras 3:312, além 40 aulas para ensino de meninas: o numero d'alunos de um e de outro sexo que as frequentavam em 1833 subia a 701:049 estudantes: os preceptores no total são 6:656; assim divididos, 1:300 catechistas; 3:357 mestres, 1:999 assistentes. A somma total das despesas para costear esta instrucção é de 456:032 florins. Além destes estabelecimentos ha outros muitos; limitamos-nos a apontar dois institutos para orphãos, um para surdos-mudos, outro para cegos, e oito casas ou collegios d'educação militar para um igual numero de regimentos de tropa. Os ultimos imperadores, nomeadamente o fallecido, Francisco 1.<sup>o</sup>, tomaram muito a peito o adiantamento da instrucção e das artes na Bohemia. Na capital, Praga, está estabelecida a universidade.

#### O EXERCITO CHIM.

No seculo 17.<sup>o</sup> os tartaros mantchús conquistaram a China, mas pôde dizer-se que pouco depois no regaço da paz os chins conquistaram os seus vencedores. Com effeito a civilisação comparativamente maior do imperio celestial ajudada por sua religião e moral, por suas artes e sciencias, manteve sobre os soldados tartaros o distincto predominio dos indigenas; a auctoridade civil ficou sendo superior á militar em força e influencia: as lettras sobrepujaram as armas. Vê-se muitas vezes, diz Davis, andar a pé um mandarim militar de superior graduação, e ao mesmo tempo o official civil de classe ordinaria se julgaria desauetorisado se não apparecesse de palanquim levado por quatro homens: e nem os mandarins militares tem permissão para andarem como este. Pelo que respeita a tudo mais, nada se poupa no imperio a fim de dar impulso á educação militar. A dynastia actual estabeleceu exames, mediante os quaes se qualificam por cathogorias, segundo o adiantamento, os candidatos á milicia, bem como os que se destinam aos cargos civis, ainda que nunca concorram, pela natureza contraria de seus respectivos exercicios, uns com os outros.

Todos os militares do imperio são sujeitos ao tribunal especial de Keping, o qual é subordinado a outros. O conselho das rendas publicas fornece as quantias necessarias para a manutenção do exercito, e o conselho das obras publicas os materiaes precisos. As melhores tropas tartaras estão arregimentadas ou organisadas sob as divisas de oito estandartes, amarellos, brancos, encarnados e azues, tendo cada uma dessas côres por ouréla uma das outras. Cada divisão tartara, ordenada sob o seu estandarte competente tem, ao que dizem, a força de dez mil homens, o que dá o computo effectivo de 80:000 combatentes. Além disto ha uma milicia local nas provincias, tropa que só se emprega no serviço de policia. As patentes dos officiaes militares [como as graduações dos civis] distinguem-se em parte pela cor da bóla que trazem sobre os carapuços ou bonés pontegudos; e essas esferas são vermelhas, ou azues claras, ou azues escuras, ou de crystal, ou de pedra branca, ou de ouro, e com algumas modificações servem para se distinguirem as que elles chamam nove jerarquias ou classes. Cada esphera é acompanhada do seu signal correspondente; a saber, dois pedaços de

seda bordada, de palmo e meio quadrados, figurando uma ave ou outro objecto, postos ambos sobre o vestido de côrte, um lançado para as costas, outro sobre o peito, e um collar de contas ou bagos grossos que desce até a cintura.

A maior graduação militar é a do *tsiang-kiun* ou general tartaro, que manda as tropas regulares da provincia de Cantão; é posto que os chins não podem ter, mas tem logo os immediatos. Os officiaes subordinados aos primeiros commandantes são promovidos por accesso estabelecido desde o posto mais inferior, segundo a sua força physica e a destreza em atirar com o arco, attendendo-se tambem ao zelo e actividade que manifestam em casos de dissensões intestinas ou de sedição.

O numero total dos combatentes a soldo do governo, comprehendendo as milicias locaes, avalia-se em 700:000 homens, que pela maior parte residem em seus districtos nataes, cultivam a terra, ou seguem outras profissões. Este costume, n'um paiz amante da paz, faz invejavel a condição militar, porque proporciona aos soldados um viver commodo, pelo menos igual ao dos mais cidadãos. O dizimo dos fructos das terras chega para o pagamento dos soldos a todo o exercito.

O valor atrevido não é tido por merecimento na tactica chim; pelo contrario é entre elles maxima popular que os soldados temerarios e arrogantes hão de ser vencidos. A sua estratégia consiste principalmente na extrema circumspecção junta a muita ardileza e até a muita perfidia. Em conclusão, a China tem organização mais propria para paz que para guerra; não é povo conquistador: mas tem uma força de resistencia, que procede do jogo do seu systema administrativo, da unidade nacional, das preoccupações contra os estrangeiros, e da unanimidade do religioso respeito dos cidadãos ás tradições e ás leis do imperio.

#### O CAFARRO.

ENTRE os muitos escriptores que se fizeram celebres visitando a Palestina, contamos nós os portuguezes um dos mais antigos e nomeados; não só pelas noticias que dá e espirito religioso de que ia possuido, como ainda mais pelo estilo classico e puritano portuguez em que escreveo: já se vê que fallámos de Fr. *Pantaleão d'Aveiro*, que no prologo depois de referir que foi com seus companheiros a Roma, e dahi a Veneza, conta deste modo como fez a peregrinação e depois escreveo o Itinerario:

« Partimos para a cidade de Trento, onde se então celebrava o Sagrado Concilio, no qual detidos alguns mezes negociando o que convinha para Terra-Sancta, nos tornamos a Veneza. E com o primeiro tempo me parti eu primeiro por ser assim necessario; e porque vi muitos peregrinos fazerem Itinerarios de sua peregrinação, onde escreviam seus trabalhos e perigos e os logares que em Terra-Sancta visitavam, os quaes quasi nunca são visitados sem o contrapezo de muitos enfadamentos, permitindo assim a Divina clemencia, que em muitos dos taes logares os quiz padecer, determinei seguir sua opinião. »

Recommendamos este livro a quem o não conhecer, e offerecemos aos nossos leitores o seguinte trecho, que certo não fóra indigno de occupar meia pagina de uma *Chrestomathia*. É tirado do cap. 80, onde o author descreve a jornada de Sichar a Janin, que começa:

« Ao dia seguinte em amanhecendo, tocaram ri-jamente uma trombeta; e como todos já estavam



prestes, começaram de caminhar, e nós tivemos cuidado de nos pôr na dianteira; por nos não acontecer, como á sahida de Hierusalem: porem como diante ia toda a bagage e gente de serviço, não eramos tão bem olhados delles como esperavamos; antes alguns nos davam muita pena, por não quererem consentir que fossemos entre elles: alguns nos faziam ir diante, e outros nos lançavam fora do caminho. »

E prosegue depois de descrever a Samaria dos Profetas.

« Ainda que segundo nosso parecer, nos detivemos ali pouco; porque nos não assentamos, e a caravana da gente ia muito d'espago, quando sahimos, muita parte della era já passada, — ao menos toda a bagage: pelo que foi necessario dar-nos pressa ao caminho, por nos dizerem os nossos almocreves, que haviamos de passar por um lugar, onde se pagava *cafarrow*, que é um certo tributo como *portagem* em Portugal, e *alcavala* em Castella.

Depois que com a cafila ou caravana nos juntamos, a qual ia tão d'espago, que os Turcos de cavallo, matavam duas ou tres perdizes, correndo-as e caçando-as para darem recreação á turca, (*em cuja companhia iam*) caminhando assim juntos, chegamos a uns grandes casaes, algum tanto desviados do caminho á mão direita e outros á esquerda: e entre elles um *cão* ou *cambelão* muito grande, feito a modo de castello e fortaleza cujo nome me sahio da memoria, sendo lugar notavel e nomeado naquellas partes. Dos casaes da mão direita, nos sahiram quatro ou cinco homens armados e com elles um turco mui apessoado, vestido de armas brancas, e nos pediram *cafarrow*; o qual naquelle lugar é o maior, que se paga em Terra-Sancta: em especial os christãos que vão em romaria a Hierusalem, que os de volta pagam menos. Acudio logo o nosso lingua, e disse como iam em companhia daquella senhora e dos mais e encomendados ao sobrinho do bachá de Damasco, que por tanto não haviamos de pagar *cafarrow*: e sobre isto começaram a altercar. Como vinhamos de mistura com os mouros, uns detras outros diante, passaram tres dos nossos, e eu com elles. O padre meu companheiro querendo-se mostrar mais privilegiado que todos e procurador dos companheiros, com as porfias de pagar lhe deu o turco com uma maça de ferro nos peitos, que logo o lançou em terra, onde esteve como fora de si um pedaço . . . Chegaram uns criados do turco, a quem vinhamos encomendados, e juntamente com outros seus amigos levando dos alfanges feriram mui mal o turco e a seus companheiros; porque acudio logo a gente da caravana pelos seus e por nós.

Passado aquelle tão aspero encontro ficando os *cafarroweiros* feridos e sem *cafarrow*, que cuidou ser a cousa que mais sentiram: dalli por diante sempre os criados do sobrinho do bachá nos levaram junto de si, mostrando-nos muita familiaridade; e dizendo que bem nos tinham vingado de nossos inimigos. »

Da turca de quem fallamos e em cuja companhia iam, e que só depois de muito tempo conseguiram vê-la á vontade narra Fr. Pantaleão que « caminhava com grande ambição e fausto, mettida em umas andas douradas por dentro e por fora, feitas de toda a parte em gelosia com suas corrediças por dentro muito ricas; e trazia a portinhola aberta, ou por ventura em nos vendo a abrio com alguma feminil curiosidade, para que a vissemos; porque era a turca de mui rara formosura: — ia fallando com um mouro pobre, roto e esfarrapado e descalço, sem alguma cousa na cabeça, mas uma grande grenha e cabelleira. O que a turca fazia por mostrar religião e santidade; porque aos taes pobres tem os turcos e

mouros por grandes sanctos e despresadores do mundo. Detraz da turca iam cinco andas tambem muito ricas com mulheres suas criadas e quatro ou cinco em bons cavallos á gineta como homens, vestidas de preto e os rostos cubertos com véus pretos, que pareciam fantasmas. Ia assim aquella turca falando todo o caminho com aquelle pobre, o qual sempre ia chegado á portinhola das andas sem algum outro homem ser ousado chegar junto della um bom pedaço. »

Não é menos curioso o seguinte conto tirado do cap. 78.

« Bem me alembra que indo eu um dia de Bethlem para Hierusalem, mal disposto em cima de um burro, diante um bom espago dos companheiros, me encontraram dous mancebos mouros bem valentes a cavallo; e por que me viram só, mui asperamente me mandaram que me apeasse por lhe fazer reverencia; o que eu não querendo fazer se foram a mim indignados; e eu me acheguei a uma parede de pedra ensossa, que cercava uma vinha; e lancei mão de umas pedras bradando pela companhia, que estava bem fora de me poder ouvir por vir muito longe. Vendo elles que os não temia começaram, com grande humildade, rogando-me que me fosse embora. E ainda na sancta cidade me aconteceu outra peor com uns moços, os quaes vendo-me ir só sem companhia, começaram a me chamar porco e cão e outros nomes vituperosos a seu modo; como cá tambem os nossos frade mingola; e eu me houve com elles de maneira que começaram rijamente a chorar. E a seu choro acudiram seus paes e parentes, que eram turcos e pessoas nobres; aos quaes eu com palavras risonhas e meigas afaguei dizendo-lhe que os moços eram maginões, e elles turcos bons e virtuosos: de maneira que nos abraçamos e ficamos muito amigos; mas isto nem sempre succede bem, e em tal conjunção o fizera que amargára o atrevimento: lá fóra entre gente rustica corre a cousa de outro modo por terem menos entendimento. »

COSTUMAVAM os arcebispos de Braga mandar ás rainhas as primeiras lampreas que appareciam no anno e que por isso eram de muita estima na côrte, e para que chegassem bem frescas se buscava um bom caminheiro, que bem pago as trazia a toda a pressa. Fez-se esta advertencia ao arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres no primeiro Janeiro, que esteve em Braga; o qual, como quem acceitava o conselho, mandou procurar caminheiro e indagar quanto levaria e qual seria o custo das lampreas, e sabendo a importancia chamou o seu esmoler e deu-lhe ordem que repartisse essa quantia pelos pobres; dizendo que a senhora rainha tinha rendas para mandar comprar lampreas, e tinha virtude para não achar sabor nas que lhe fossem de Braga á custa dos pobres.

PARA de todos os modos engrandecer a nação portugueza, procura . . . resuscitar tambem as memorias da patria, da indigna escuridade, em que jaziam até agora. . . É a lição da historia um fecundo seminario d'heroes. — *Alexandre de Gusmão*.

ACHANDO-SE o grande philosopho Socrates em um banquete, foi persuadido a que dissesse alguma cousa digna da sua grande sciencia: respondeu elle: perdoai, senhores, porque o que se costuma fallar nestas occasiões não o sei; e o que sei não é a proposito para se fallar aqui.